



## TEORIAS SOCIOLOGICAS CONTEMPORÂNEAS

Eder Aparecido de Carvalho<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente texto - não esquecendo as concepções durkheimianas, marxistas e weberianas - traz a discussão levantada pelos pensadores contemporâneos. Quem prevalece na condução da história, indivíduo ou sociedade? Dessa maneira, confrontará o pensamento dos diversos autores, dentro de uma das discussões fundamentais, no interior da sociologia: a relação entre indivíduo e sociedade, discutindo ainda a relação entre os corpos e as identidades sociais. Coloca-se como eixo central do debate a obra de Norbert Elias (*Os Estabelecidos e os Outsiders*), buscando, a partir daí, o confronto (ou a relação) ideológico com outros autores (Anthony Giddens, Anselm Strauss, Georg Simmel, George Mead, Michel Foucault e Pierre Bourdieu) da sociologia.

**PALAVRAS-CHAVE:** Indivíduo. Sociedade. Corpos e Identidades Sociais.

## SOCIOLOGICAL THEORIES CONTEMPORARY

**ABSTRACT:** The present text – not forgetting Durkheimians, Marxists and Weberians’ conceptions – brings the rise discussion from contemporaries thinkers. Who prevails in history conduction? Individual or society? In this way, we will confront the thought of many authors, inside one of fundamental discussions, in the interior of sociology: the relationship between individual and society still discussing the relation between bodies and the social identities. Put with central axis of debate the Norbert Elias’ work (*The Established and the Outsiders*) fetching from this the ideological confront (or the relation) with other sociology authors (Anthony Giddens, Anselm Strauss, Georg Simmel, George Mead, Michel Foucault e Pierre Bourdieu).

**KEYWORDS:** Individual. Society. Bodies and Social Identities.

---

<sup>1</sup> Assistente Social do Instituto Federal de São Paulo (IFSP) - *Campus* Votuporanga. Mestrado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Também é docente em IES. E-mail: carvalhoeder@hotmail.com. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9443185069485662>.



## INTRODUÇÃO

A presente pesquisa se revela oportuna (justifica-se) justamente porque irá propiciar reflexões e discussões entre as concepções dos pensadores considerados clássicos e dos cientistas contemporâneos. Em outras palavras, debates entre aqueles que demonstram oposição às percepções materialistas (Durkheim, Elias e Bourdieu) e aqueles que defendem uma figuração social, em termos de diferenciais econômicos (Marx). Há também os pensadores que ilustram o indivíduo moldado pela coletividade (Durkheim), contrapondo-se às questões sociológicas que se apoiam no indivíduo e não no coletivo. O conceito de determinismo trabalhado por Bourdieu também está presente. Sendo assim, este trabalho tem como objetivo discutir, sobretudo, as relações de poder: indivíduo ou sociedade? Ao lado da violência real, existiria uma violência simbólica? A submissão às regras grupais seria o preço a ser pago para se beneficiar da cultura social?

Nesta senda, existem os pensadores que trabalham com a defesa, no sentido de que a estrutura é o resultado de pessoas que vão interagindo e formando a configuração social (Elias). Por outro lado, também há os defensores da estrutura pronta (Durkheim). Foucault, por sua vez, não aceita a ideia de que indivíduo tem que aceitar a identidade proposta socialmente. Simmel, embora diferente de Elias, no aspecto da historicidade, entende que a sociedade é flexível e suas normas e regras são formuladas a partir das relações de interdependência. Nesse caminho, o trabalho aparece como ferramenta (instrumento) para compreender, mesmo que minimamente, a sociedade.

## ESTUDO COMPARATIVO: DIFERENCIAÇÃO E RELAÇÃO

As crises econômicas que provocaram conflitos entre a classe trabalhadora e proprietários dos meios de produção foram vivenciadas por Emile Durkheim (1858-1917), no final do século XIX e início do século XX. Naquele momento, as crises sofridas pela comunidade europeia eram frutos dos fatos econômicos – segundo o ideal socialista. Durkheim não



concordava com esse ideal, uma vez que acreditava que os problemas eram de ordem moral, em virtude da fragilidade da época, e não de ordem econômica<sup>2</sup>.

Norbert Elias (1897-1997) deixou claro que, durante o desenvolvimento da sua pesquisa<sup>3</sup>, houve um deslocamento do objeto, ou seja, a delinquência a ser estudada, a princípio, foi paulatinamente substituída por outro objeto – diferenças de caráter dos bairros e para as relações entre eles. A mudança se dá ao tempo em que vai se estendendo a investigação, como processo, isto é, o objeto é um processo em construção, existindo um ir e vir entre a teoria e o empirismo.

Elias compreende uma diferença de poder, que não é percebida pelas classificações objetivas, entre os residentes antigos e recém-chegados. Parece existir uma relação entre Elias e Durkheim no que diz respeito a uma oposição às percepções materialistas. Elias faz uma figuração social não em termos de diferenciais econômicos, mas dá ênfase à sociabilidade. Opõe-se às percepções materialistas, buscando uma explicação qualitativa para entender a relação entre os estabelecidos e outsiders em Winston Parva<sup>4</sup>.

Para Elias está nítido que Karl Marx (1818-1883) não enxergou as diferenças no interior da própria classe (étnica ou racial, credo religioso, cultural, da própria nacionalidade, dentre outros). Naquela comunidade, cabia estudar a estratificação social (referindo-se aos conceitos intraclasse) e não necessariamente a estrutura das classes, uma vez que, ali, não havia uma distinção de classes.

Elias se mostra não só contra a visão marxista, mas contra todos os que dão enfoque ao econômico, já que, em relação ao poder econômico, os moradores de Winston Parva eram iguais. Quebrando clássicos, nos quais, de um lado, está o indivíduo e, de outro, as classes, Elias relaciona a trajetória das pessoas por meio de um processo histórico, mostrando a relação indivíduo grupo, isto é, para ele não tem como separar o *eu* do *nós*. Mostra um modelo do *nós*

---

<sup>2</sup> Para Karl Marx (1818-1883) a economia formula a sociedade enquanto para Durkheim a sociedade é que formula a economia. Quando Marx faz esse pensamento toma a parte pelo todo – diria Durkheim (2002).

<sup>3</sup> Pesquisa realizada junto aos habitantes do povoado industrial de Winston Parva (nome fictício) que se transformou num laboratório para análise sociológica e que serviu de base ao livro *Os Estabelecidos e os Outsiders*.

<sup>4</sup> Os estabelecidos seriam os residentes antigos de Winston Parva, enquanto os outsiders seriam os e recém-chegados.



(sociedade) e um modelo do *eu*, no qual o *eu* é construído a partir do *nós* (é assim que eu gero minha personalidade).

Para Durkheim, o indivíduo é arrastado pela coletividade. Contrapõe-se às questões sociológicas que se apoiam no indivíduo. A sociologia individualista, segundo pensamento durkheiminiano, explica o complexo pelo simples, o superior pelo inferior, o todo pela parte. Já para Anselm Strauss (1916-1996), o valor moral está no indivíduo, na identidade, no interior. Para Strauss o entendimento das identidades individuais está vinculado ao compreender da atividade coletiva. Dessa forma, nota-se que Strauss prioriza o aspecto da identidade.

George Mead (1863 -1931)<sup>5</sup>, um dos fundadores (americanos) da sociologia empírica e sistemática, também envolvido na temática do que diz respeito às relações entre indivíduo e sociedade, investiga a gênese do *eu* no processo da interação social – o que veio a ser conhecido como Escola de Chicago. Atribui responsabilidade ao indivíduo na montagem do coletivo. A coletividade é gerada por indivíduos orientados para si próprios e para o outro. Mead valoriza o indivíduo na costura social (FIGUEREDO, 2004) e, para ele, o *eu* é que dá a identidade, diferentemente de Elias, segundo o qual o *outro* é que dá a identidade.

Enquanto a análise freudiana, particularmente, esquece a sociedade e analisa apenas o indivíduo, Durkheim estuda a relação entre indivíduo e sociedade. Na teoria durkheiminiana a sociedade entra no indivíduo, isto é, molda-o. A diferença com Elias é que Durkheim parece não ver poder de liberdade, enquanto Elias vê, uma vez que, para ele (Elias), indivíduo unido se engrandece. Em outras palavras estaria dizendo que a coesão propicia efeito integrador e reafirmador da superioridade grupal. Elias analisa a constituição do *nós* e dos *outros*. Analisa quando o *nós* (estabelecido) se constitui e também os *outros* (outsiders), ou seja, mostra-se preocupado com a história. Fica claro também que Elias estuda as relações de poder, bem ao pé da letra, do que dizia, dentre outras palavras, Max Weber (1864 –1920): o poder é exatamente a possibilidade de encontrar alguém para dominar enquanto a dominação é o próprio uso do poder.

Dentro dessa análise do padrão de poder, feita por Elias, nota-se ainda que o tem aquele que não possui, ou seja, o estabelecido citado pelo respectivo autor na pesquisa são *outsiders* em outras sociedades (mulheres e idosos). Fica notório que a coesão é feita

---

<sup>5</sup> Para Mead a identidade é formada na interação (daí o interacionismo simbólico) contrapondo-se a um conceito anterior (iluminista) que trabalhava com identidade fixa.



principalmente pela fofoca, instrumento feminino. A fofoca, marco de estigmatização, e as “desocupadas economicamente” – as mulheres que saem para trabalhar ficam mais vulneráveis – desempenham um papel fundamental, pois aparecem como guardiãs da cultura, principalmente, da tradição afetiva. Diferença se pode notar, por exemplo, em Pierre Bourdieu (1930-2002) que, ao estudar a sociedade cabília, para entender a dominação de força, deixa nítido que as mulheres (cabílias) incorporam a dominação (esta para elas era natural). Fazendo uma comparação, verifica-se que a mulher em Elias desempenha um papel, ao contrário da mulher, em Bourdieu, uma vez que, no primeiro, a mulher não se apresenta apenas como uma doméstica, mas trabalha e desempenha, principalmente, a fofoca – embora queiramos deixar claro que ambas as mulheres são de sociedades tradicionais. Importante ainda frisar que Elias trabalha com as duas alternativas da fofoca, ou seja, a fofoca pode integrar um grupo, mas pode excluir quem não está inserido. Fica claro, assim, em Elias, essa alternativa da fofoca, que exclui e inclui, já que existia uma tendência que trabalhava apenas a integração, não citando a exclusão.

É evidente um custo do *eu* para se beneficiar do *nós* – a submissão às regras grupais é o preço a ser pago para se beneficiar da participação na superioridade dos estabelecidos, enquanto os *outsiders* são vistos como anômicos. Como *outsiders* (terão seu status rebaixado dentro do grupo dos estabelecidos) serão aqueles (os inseridos) que não respeitarem as regras. Encontra-se nesse contexto, seguindo o raciocínio durkheimiano, uma relação com a força que os fatos exercem sobre os indivíduos – que têm que se conformar com as regras da sociedade em que vivem, ou seja, não seguindo regras, sofrerão sansão, seja ela legal ou espontânea. É importante não esquecer que para Durkheim existe uma estrutura pronta; as pessoas nascem e vão absorver isso, essa estrutura, não tendo poder para mudá-la. Já para Elias esse modelo de Durkheim não existe. A estrutura é o resultado de pessoas que vão interagindo e formando a configuração social. No segundo, existe a ideia de ação, enquanto, no primeiro, ela está ausente.

No que diz respeito ao conceito determinista de Bourdieu “[...] o homem aparece rigorosamente determinado pelas estruturas sociais objetivas exteriores a ele, e pelas estruturas subjetivas, incorporadas nele” (QUINIOU, 2000, p.51). Segundo a concepção bourdieuana, o homem está encarcerado numa cadeia de microdeterminismos sociais (gosto estético, criatividade cultural, dentre outros fatores). As coisas estão determinadas e o homem parece não ser livre.



Apesar disso, afirma Bourdieu, o homem aparece como agente determinante (ativo). Bourdieu fixa os limites “[...] de uma leitura estruturalista do determinismo social” que negaria a atividade humana (QUINIOU, 2000, p.52). “O determinismo não é o fatalismo” (QUINIOU, 2000, p.59), dá para reduzir a dominação incorporada - que opera no interior do nós.

Retornando à sociedade cabília, citada acima, é louvável mencionar que, para Bourdieu, o gênero não é algo estático – não é o mesmo da cabília (muda). As relações de gênero não são eternas e estão suscetíveis à mudança. Para ele, a estrutura estruturada e a estrutura estruturante ocorrem simultaneamente. Para fins didáticos, pode-se dizer que a visão determinista traz uma concepção de uso múltiplo – o que pode ser encontrado principalmente em Bourdieu.

Bourdieu mostra a existência de uma concordância entre estrutura cognitiva<sup>6</sup> e estrutura social. Segundo ele, a estrutura cognitiva molda a estrutura social<sup>7</sup> - o branco se vê como superior (intelectualmente) ao negro, por exemplo. Na relação de dominação, a mulher tem que ser magra e frágil - dentre outras coisas. Quando a mulher incorpora essa fragilidade, incorpora a relação de dominação, assim, incorpora a visão doxa do mundo.

Bourdieu vê uma construção social da identidade por meio do corpo. Existe um processo de incorporação. A masculinidade, por exemplo, é construção social e não é apenas ter o órgão genital masculino - princípio da afirmação masculina eterna, ou seja, a relação de dominação não é boa nem para os homens, pois têm que estar provando-se como homem. Seguindo essa idéia, Bourdieu mostra que há uma visão androcêntrica – o homem está sujeito a pressões de prova. Para Bourdieu a divisão sexual não é só anatômica, mas, sim, é construída. Assim, para ele a ordem sexual opera pela incorporação e esta se torna o *habitus*.

A obra de Bourdieu traz a concepção de um universo atravessado por dominação (relação de força). “Ao lado da violência real (...) existe uma violência simbólica que alimenta esta” (QUINIOU, 2000, p.58). Há, portanto, uma relação entre Bourdieu e Elias, uma vez que “[...] a violência simbólica (...) é essa forma de violência exercida sobre um agente social com a cumplicidade dele” (RÉPONSES apud QUINIOU, 2000, p.58).

<sup>6</sup> Forma como as pessoas compreendem o mundo, maneira que pessoas constroem a realidade, visão (“óculos”) que eu vou ter do mundo – a partir daí há uma construção da sociedade.

<sup>7</sup> A concordância entre ambas as estruturas (cognitiva e social) Bourdieu dá o nome de visão doxa do mundo – princípio de visão social que determina todas nossas relações (que vai fazer com que nos refletimos sobre nós mesmos e sobre os outros).



Para Marx uma “classe” não é diretamente independente, só existe, na relação com outra – não há burguesia sem proletariado e vice-versa. Para Bourdieu a diferença<sup>8</sup> não é estática (pacífica), mas de luta (oposição). Dessa maneira, tanto o campo social de Bourdieu quanto a sociedade de Marx “[...] são campos de luta para transformar ou conservar [...]” tal relação (QUINIOU, 2000, p. 45-46).

Para Bourdieu o comportamento, tanto individual como social, não está apenas relacionado ao econômico (ligado a ganhos materiais), estando também relacionado ao simbólico (ligado a ganhos simbólicos – “[...] qualquer ganho reconhecido como tal”). O comportamento do indivíduo é determinado pelo capital cultural, capital simbólico, capital político (ligado a um status de poder) e não apenas pelo capital econômico (QUINIOU, 2000, p. 48). Pode-se afirmar que Bourdieu, nesse aspecto, identifica-se com Elias, uma vez que rompe com o economicismo marxista.

Michel Foucault (1926-1984) conta a história das identidades<sup>9</sup>, desconstruindo a ideia da identidade fixa – imutável.<sup>10</sup> Foucault não aceita ideia de que indivíduo tem que aceitar a identidade proposta socialmente. Foucault não está preocupado com universalização (igualdade), mas se mostra preocupado com novas formas de existência que seriam diferentes, ou seja, pensa na possibilidade de outros meios que não seriam os já propostos pela sociedade.<sup>11</sup>

Foucault não tenta trocar o modelo “atual” pelo grego – não quer trocar o presente pelo passado – mas sim mostrar um pensar no passado, para encontrar a relação de si mesmo e com os outros, para pensar no futuro – de outro meio de vida.<sup>12</sup> Foucault não quer buscar modelos nem comparações, mas, sim, um paralelo – fazer um exercício do pensamento para refletir o futuro. Ele é defensor das ideias das diferenças, no sentido de convivência um com o

---

<sup>8</sup> “Quando Marx diz ‘classes’, Bourdieu diz ‘forças’ ou ‘diferenças’(...) e a sociedade se torna então, de um modo similar, um ‘campo de lutas’ entre essas ‘forças’ ou essas ‘diferenças’ (QUINIOU, 2000, p.45)”.

<sup>9</sup> Tanto em história da loucura como história da sexualidade Foucault relata uma história da construção do indivíduo no ocidente. Foucault trabalha com a noção de sujeito uma vez que estava preocupado com a construção da personalidade contemporânea.

<sup>10</sup> Foucault desconstrói a imagem iluminista (de identidade biológica), mostrando que a identidade muda de acordo com situações sociais.

<sup>11</sup> Existia um modelo de gay na visão da sociedade com que Foucault não concordava.

<sup>12</sup> Ao se transportar para a Grécia Romana, Foucault sai do sujeito que é sujeitado pelas normas (código de normalização) para buscar um sujeito não sujeitado (que o comportamento não é rígido pelos códigos).



outro. Não quer construir fórmula mágica do equilíbrio, estando apenas preocupado com uma forma de convivência com o outro – convivência com as diferenças.

Foucault trabalha com a teoria do poder disciplinar (de como sociedade se baseia numa forma de poder / há uma instância que determina como devemos agir). Foucault<sup>13</sup>, contrariando Marx, que diz que o poder está centrado no Estado, relata que o poder está disseminado intimamente em toda a sociedade (fábricas, escolas...), isto é, o poder não está localizado apenas numa instância.<sup>14</sup>

A ideia de libertação sexual, por meio de revolução, descontenta Foucault, uma vez que, segundo ele (Foucault), lutar contra o poder é o que “canoniza” o poder. Ao se assumir como gay você se sujeita a uma estrutura de poder (está se rebaixando). Bourdieu também menciona, seguindo o raciocínio de Foucault, que, quando surge a preocupação com relação à dominação, o dominado ratifica a sua dominação.

Tanto Foucault como Bourdieu colocam que a relação entre sexos iguais põe a dominação masculina em xeque – coloca em xeque toda a ordem social, por isso, ela é tão combatida.

Foucault relata que o movimento feminista apresenta algo contestatório – vê o movimento feminista com “bons olhos”. Bourdieu, por sua vez, enfatiza que as feministas, por se apoiarem em Foucault, reforçam a dominação masculina<sup>15</sup>. Bourdieu cita, ainda criticando Foucault, que a história da sexualidade é a história da sexualidade dos homens, ou seja, para Bourdieu, Foucault escreveu a história da sexualidade masculina.

---

<sup>13</sup> Parsons neste quesito concorda com Foucault.

<sup>14</sup> Foucault defende a ideia de que o poder é difuso, isto é, não está centralizado em instituição alguma, estando, sim, esparramado, ou seja, não há um grupo ou camada social que detém o poder, pois o poder circula na mão de todos – apenas admite que alguns pudessem ter mais ou menos poder, entretanto, para ele, cada cidadão detém uma parcela de poder, mesmo que pequena.

<sup>15</sup> Apesar da crítica, no que diz respeito, a essa “ligação” movimento feminista e concepção foucaultiana, Bourdieu coloca que “[...] a dominação masculina não se impõe mais com a evidência de algo que é indiscutível. Em razão, sobretudo, do enorme trabalho crítico do movimento feminista que, pelo menos em determinadas áreas do espaço social, conseguiu romper o círculo do reforço generalizado (...) distanciamento em relação às tarefas domésticas e às funções de reprodução” (BOURDIEU, 1999, p.106-107).



Sexualidade para Foucault é comportamento, é como se usa o órgão genital, é a forma como as pessoas vão fazer uso do órgão (baseadas nas regras criadas pela sociedade). Para ele, ser gay está ligado a um estilo de vida e não a fazer a relação sexual propriamente dita.

Foucault reflete como o sujeito vai poder criar forma de resistência – estabelecer nova relação de poder. Para o autor, temos que esquecer o poder repressor e trabalhar com o Poder Disciplinar.<sup>16</sup> E, ainda, diz que as sociedades modernas, em contraste específico com o mundo moderno, dependem da criação do biopoder – poder disciplinar.

Já Anthony Giddens<sup>17</sup>, por sua vez, mostra as mudanças de comportamento no campo da intimidade, relatando a transformação do papel da mulher e ainda a liberalização da moral sexual. Enfatiza uma sexualidade liberta das necessidades de reprodução, assim como a liberdade ao prazer sexual. Giddens presume um grau significativo de igualdade sexual. As mulheres querem não apenas proporcionar, mas também receber o prazer sexual<sup>18</sup>. O comportamento sexual (sexualidade) deixou de ser algo herdado – dado naturalmente. A sexualidade, na verdade, passa a ser uma dimensão construída pelo próprio indivíduo - “[...] um aspecto maleável do eu”.<sup>19</sup> Assim, Giddens mostra a construção da identidade na modernidade - acusa a passagem do tradicional para o moderno. Observa, dessa forma, uma revolução no mundo privado que contamina o público.

Pegando uma “carona” em Georg Simmel (1858–1918), notaremos que, para ele, a sociedade também não está estruturada – fixa – tal qual Durkheim havia teorizado, ao contrário, entende que a sociedade é flexível e suas normas e regras são formuladas, a partir das relações de interdependência. Simmel, na verdade, mostra-se igual a Elias, no aspecto da interdependência, entretanto, mesmo aceitando a ideia de configurações que existe em Elias, notaremos que, no primeiro, há um rompimento com a história. Um rompimento entre a sociedade tradicional (pré-

---

<sup>16</sup> Baseia no processo de incitar comportamento. Baseia-se em algo pelo qual os indivíduos querem mais ou menos incorporar as normas.

<sup>17</sup> Anthony Giddens, nascido em 1938, é diretor da London School of Economics, ideólogo da Terceira Via (social-democracia modernizada), hoje chamada de Governança Progressista, e conselheiro do primeiro-ministro britânico, Tony Blair.

<sup>18</sup> Contrariando Bourdieu, no qual aparecem regras (condutas) mais tradicionais, em Giddens, notam-se regras mais modernas – o comportamento confluyente.

<sup>19</sup> Indivíduo é parte da estrutura que reproduz; dessa forma, indivíduo aparece como integrante das práticas construtivas.



moderna) e a sociedade moderna. Ou seja, em Simmel, todas as estruturas tradicionais se veem substituídas pelas formas da sociedade moderna. Há sementes da sociedade moderna na sociedade tradicional e há resquícios da sociedade tradicional, na sociedade moderna. Contudo, numa visão geral, ele percebe um rompimento entre uma e outra sociedade. Rompimento do passado com o presente. Assim, temos um Simmel igual a Elias, no aspecto da interdependência e um Simmel diferente do Elias no aspecto da historicidade.

O cientista do século XIX, Durkheim, colocou-se preocupado com a quantidade de migrantes que saíam do campo para a cidade (durante o processo industrial da época). Durkheim acreditava que a migração poderia ser problema, uma vez que os migrantes não poderiam se espelhar nas regras (deles) anteriores; era um estabelecido e os camponeses que migravam eram *outsiders*. Assim, ele chega a propor uma intervenção do Estado. Dessa forma, ele aparece no texto de Elias, mais uma vez, já que Elias coloca os *outsiders* na condição de anômicos, ou seja, quando se dá a implantação do “acampamento” há uma ruptura com a lei anterior (norma anterior de onde os *outsiders* vieram) onde os recém-chegados terão que se adaptar às outras regras. Os estabelecidos consideram os *outsiders* anômicos e, dessa forma, Elias usa Durkheim para ver como o estabelecido construiu a anomia dos *outsiders*.

Vinculado ao interacionismo simbólico, Anselm Strauss, desenvolve um estudo do indivíduo e sociedade, a fim de entender a relação *eu / nós*. No que tange à constituição das identidades individuais, dá ênfase à socialização na vida adulta, contrapondo-se à análise freudiana que prioriza os primeiros anos de vida, uma vez que acredita na existência de uma desestrutura daquilo que ocorre na infância. Nada é eterno e, da mesma maneira que as coisas mudam, nós também mudamos. A reavaliação traz a possibilidade de uma inovação e ainda de uma renovação da vida humana.

Dentro de Mead existe o *eu / self* no qual há um diálogo entre o *eu* e o *nós*. Assim, teremos na relação do interacionismo três aspectos:- (1) o *eu* consigo mesmo influenciado pelo *nós* (*eu / nós*). (2) o *outro* (*nós*) influenciado na relação do *eu* consigo e (3) o *eu*, percebendo como ele pode ser visto e tentando interferir nesse *nós* (*outro / generalizado*).

Diferentemente, para Elias, o *eu* se vê a partir do *nós* - o *outro* é que dá minha identidade. As pessoas se percebem de determinada forma, em virtude de uma interdependência



(*eu / nós*). Isto é, para Elias o *nós* reflete no *eu* e o *outsider* não é o *eu* que vai mudar relação, mas um *eu* que se aceita inferior. As imagens que o *nós* (estabelecidos) atribui e os *outros* (*outsiders*) aceitam constitui no ponto de chegada do processo de investigação. Não é só tendo um grupo mais forte e outro mais fraco que vai ter essa relação *outsiders*. Para existir essa relação, o dominado tem que compartilhar o valor da maioria. Ou seja, existindo a menor força, porém organizada – aquela que busca um revide (luta) – na busca do seu valor, não existirá o chamado *outsider*. Quando a minoria passa a ter coesão (movimento negro, movimento feminino, de bairros, dentre outros) existe uma luta política e não uma relação *outsiders*.

O *outsider* é o *eu* que enxerga o *mim*, na visão do *outro* (vê-se como inferior). Entretanto, pode-se dizer que é necessário um tempo do *eu* para o *nós*, isto é, as pessoas chegam individualmente e num processo lento; a tendência é o *eu*, mais para a frente, constituir um *nós*. Talvez, hoje, passadas mais duas gerações, todos, em Winston Parva, fazem parte do *nós*.

Reforçando, Elias trabalha com a teoria das figurações, combatendo a análise da dicotomia e buscando levantar como se deram as configurações (tanto dos estabelecidos quanto dos *outsiders*). Dando destaque ao processo de socialização, trabalha com conceitos intraclasses (no interior da própria classe).

O elemento central da teoria de Durkheim, que reporta à ideia de coerção, coincide com o peso que a sociedade tem sobre o indivíduo. Para ele, não existe apenas a coesão (estado, leis...), mas, também, a coerção. A sociedade exerce coerção sobre o indivíduo. A sociedade coage o indivíduo. É importante saber que Elias não reproduz o modelo de Durkheim. Nós, sim, enxergamos a influência de Durkheim, mas ele (Elias) vai mais longe. Nesse sentido, chega ao conceito de *habitus* de Bourdieu.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antes, tinha-se uma visão unívoca e masculina (estritamente masculina) sobre tudo – sujeito do iluminismo. Mudou-se o sujeito? Não, pois mudaram-se as ferramentas para compreender a sociedade, uma vez que o sujeito nunca foi unívoco. Temos, dessa maneira, que desconstruir a visão de identidade unívoca (sujeito iluminista) uma vez que não existe identidade



pré-determinada, ou seja, as identidades são construções sociais<sup>20</sup> e históricas, isto é, ser mulher no Brasil não é a mesma coisa que ser mulher nos EUA, por exemplo. Mais, o ser mulher na década de 60 (sessenta) não é o mesmo que ser mulher na década de 20. A mulher feminista luta por seus direitos.

Identidades não são mais unitárias e definidas para sempre. Não existe uma identidade nata, ou seja, as coisas mudam. Qualquer identidade é provisória. Essa fixidez, pode-se dizer, nunca existiu.

É importante frisar que a construção social dos corpos está muito mais associada à mulher.<sup>21</sup> O corpo da mulher sofre preconceitos,<sup>22</sup> ou seja, essa construção não é, de forma nenhuma, neutra, baseando-se, sobretudo, na dominação da mulher. A mulher não tem autonomia do próprio corpo, por exemplo: até hoje a não permissão do aborto (não querendo de nenhuma maneira colocar-me como defensor de tal prática) é uma forma de controle da mulher. Mais, os homens velhos são charmosos, enquanto mulheres velhas são decaídas. Entretanto, apesar de as mulheres não terem logrado a igualdade nos domínios econômicos e político, daremos ênfase a Bobbio (2000, p.52) que disse que “[...] nestas últimas décadas a transformação das relações entre os sexos [...] talvez seja a maior revolução de nossos tempos”.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BOBBIO, Norberto. **O futuro da democracia**. Tradução de Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Tradução de Maria Helena Kuhner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

\_\_\_\_\_. **O Poder Simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

<sup>20</sup> A construção social da identidade se dá através do corpo – o que eu sou é o meu corpo. Corpo e identidade não são coisas dissociadas. No compreender da formação das identidades não se pode cair no dualismo. Identidade é corporal. Não é corpo e identidade. Não são separados. Meu corpo é materialização da identidade. Identidade é corpo.

<sup>21</sup> As formas de controle corporal ainda, infelizmente, atingem mais as mulheres.

<sup>22</sup> Embora seja importante salientar que a construção social esteja associada a ambos os corpos (sexos).



DURKHEIM, Émile. **As Regras do Método Sociológico**. Tradução de Pietro Nasseti. São Paulo: MartinClaret, 2002.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os Estabelecidos e os Outsiders**: Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FIGUEREDO, Vilma. **Teoria Sociológica**. Disponível em: < <http://www.anpocs.org.br>>. Acesso em: 25 de abril de 2004.

FOUCAULT, Michel. Introdução. In: \_\_\_\_\_. **Historia da Sexualidade II** - o uso dos prazeres. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

GIDDENS, Anthony. **A Transformação da Intimidade**: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. Tradução de Magda Lopes. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 1993.

\_\_\_\_\_. **Política, Sociologia e Teoria Social**: encontros com o pensamento social clássico e contemporâneo. Tradução de Cibele Saliba Rizek. São Paulo: Editora Unesp, 1998.

QUINIOU, Yvon. **Das classes à ideologia**: determinismo, materialismo e emancipação na obra de Pierre Bourdieu. Crítica Marxista. São Paulo: Boitempo Editorial, n.11, p.44-61, out. 2000.

SIMMEL, Georg. O papel do dinheiro nas relações entre os sexos – fragmento de uma filosofia do dinheiro (1898). In: \_\_\_\_\_. **Filosofia do Amor**. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 46-66.

STRAUSS, Anselm. **Espelhos e Máscaras**: a busca de identidade. Tradução de Geraldo Gerson de Souza São Paulo: EDUSP, 1999.